

“Rock, já te vi mais rebelde” Legitimação e crítica dentro de um gênero musical¹

Wyllian Eduardo de Souza CORREA²
Faculdade Campo Real, Guarapuava, PR

Resumo

O rock já tirou o sono de muitos pais. Atualmente, é dado como morto ou domesticado pelo imediatismo midiático. Motivado por provocações cotidianas, o presente trabalho trava uma discussão sobre os conceitos que buscam determinar a legitimidade interna do rock. No caso, analisamos o *Happy Rock*, manifestação massiva mais recente do gênero no Brasil. Sua felicidade colorida é taxada como uma intrusa na casa da rebeldia. A partir das diferentes posições ocupadas no decorrer de sua breve história, que rock é esse que temos hoje? Podemos suspeitar que a mesma questão se levanta a respeito da própria juventude e seu papel na renovação crítica.

Palavras-chave: música; happy rock; identidade; autenticidade; atitude

Dentre as inúmeras tentativas pedagógicas de atrair uma jovem turma de Comunicação³ para as tão adversas disciplinas teóricas, nada parece uma isca mais apetitosa do que a música. Melhor do que isso: uma polêmica envolvendo o nebuloso universo musical. Elencando uma série de vídeos em que a única pergunta feita era “que tipo de música é essa?”, os alunos respondiam eufóricos com “rock”, “pop”, “sertanejo”, etc. Eis que finalmente o trunfo é colocado em tela: adolescentes tocam uma canção sobre relacionamentos. Cantam em português. O visual é colorido, alegre. O som lembra o hardcore americano dos anos 90. Logo nos primeiros acordes a algazarra em sala é grande. Alguns cantam, outros pedem desesperadamente para desligar. Ao que parece, o objetivo foi atingido.

A banda em questão é a Restart, representante do chamado *Happy Rock*, o último suspiro em termos de popularidade massiva do gênero no Brasil. Figura carimbada nas rádios e TVs no início dessa década, ela se torna natural no repertório da turma trabalhada,

¹ Trabalho apresentado no DT 6 - GP Comunicação, Música e Entretenimento do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduado em Comunicação Social - Jornalismo (2007) e Letras Português e suas Literaturas (2008) pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro, e mestre em Comunicação e Cultura (2012) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Professor na Faculdade Campo Real. Email: weduardo@gmail.com.

³ No caso, Filosofia da Linguagem e da Comunicação para uma turma de 1º período do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Campo Real do presente ano.

na faixa etária dos 17 a 19 anos. O que se desenrola em classe revela-se como um microcosmo das discussões que se ainda se desenvolvem nas redes sociais e na mídia dita tradicional. A presença das tais bandas gera desconforto aos seguidores do *rock* de todas as vertentes. Os grupos e seus fãs são execrados, acusados de possuírem “idade mental de dez anos”, daí para o pior. Os ataques partem desde a ortodoxia do *metal* aos modernismos do *indie rock*. Para eles não há discussão, isso simplesmente não é *rock*. Estaria mais para música comercial feita para “meninhas na puberdade”. “É felizinha demais”. Enfim, já podemos parar e questionar: pode o *rock* ser feliz assim? Afinal, o que é necessário para algo ser *rock*?

Apesar de sua completa apropriação pelo mercado de música (ou devidamente por isso) existem expectativas de como deve ser o gênero, garantindo a sua legitimação (ou não), de acordo com valores considerados relevantes em um complexo sistema relacional que abrange artistas, público e mídia. Apelos à autenticidade e à atitude operam no que é necessário para se “fazer *rock*”.

Porém, esses conceitos permanecem estáticos durante toda a trajetória do *rock*? O que na formação cultural atual distancia um *rock* feliz das manifestações carregadas de cores de outras épocas, como o *Power Flower* dos hippies nos 60, o *Glam* ou o *New Wave* dos anos 70 e 80? Quais são as fontes de tanto incômodo? Cabe pensar o *rock* para além do estritamente musical.

Dentro desse contexto, *rock* refere-se ao âmbito do pós-guerra, jovem-orientado, tecnologicamente e economicamente mediado pelas práticas musicais e seus estilos. Descrevendo o *rock* como uma formação, eu quero enfatizar o fato de que a identidade e os efeitos do *rock* são mais abrangentes do que sua dimensão sonora. Falar do *rock* como uma formação demanda que nós sempre localizemos práticas musicais em um contexto de um complexo (e sempre específico) quadro de relações com outras práticas sociais e culturais; daí eu descreverei o *rock* como uma cultura antes de descrevê-lo como uma prática musical (GROSSBERG, 1997, p. 102)

Diante disso, este texto pretende fazer uma breve revisão histórica de como a construção do *rock* se baseia em determinados valores, que vez ou outra elencam elementos distintos de significação, de acordo com conjunturas específicas. Observamos que isso está intimamente ligado à consolidação de uma subjetividade juvenil ideal, que encontra repercussão entre a contestação e o conformismo social.

Pode se dizer que o rock está, tradicionalmente, atrelado ao signo da rebeldia. Há a expressão da busca da felicidade pela afirmação de novos ideais, assim como o abandono destes, em ondas melancólicas e/ou niilistas. No entanto, isso não é a garantia da aclamada profundidade temática. Os grupos do chamado *Happy Rock* não se diferenciam de outros modismos visuais encontrados na história do gênero. Mesmo as letras e melodias simplórias encontram paralelos anteriores.

Cabe, porém, questionar o enquadramento conformista a que são referidos, representando uma desvinculada de qualquer postura de contestação, reafirmando os valores vigentes em um rock tido como “bonzinho”. Enquanto o nível de “ameaça social” é transposto para outros gêneros, como o rap, o *happy rock* sintetiza uma juventude “inofensiva”, para qual não existem conflitos aparentes a que se rebelar. Vivemos, finalmente, no mais perfeito dos mundos?

Um histórico breve como uma música dos Ramones

Boltanski e Chiapello reforçam que a fonte primária de qualquer crítica é a indignação. “Sem esse primeiro impulso emotivo, quase sentimental, nenhuma crítica consegue alçar voo” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p.72). Algumas experiências desagradáveis vivenciadas pelo próprio crítico, ou a comoção ao que sofresse um outrem, seriam o motor para tanto. De qualquer forma, a expressão disto se daria em dois níveis: um primário, ligado às emoções, impossível de calar e inflamado a cada nova situação de indignação, e um secundário, mais reflexivo, teórico e argumentativo. Se o segundo encontrar-se combalido, a crítica recupera forças ao traduzir novas indignações.

Ela está presente, sobretudo, nos jovens, que não passaram ainda pela experiência do fechamento do campo das possibilidades, constitutiva do envelhecimento, podendo formar o substrato a partir do qual seja possível o restabelecimento da crítica. Aí reside a garantia de um trabalho crítico sempre renovado. (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p.72)

Na história do rock, a indignação e, conseqüentemente, a crítica, sempre foram molas propulsoras. Ainda que sem constituir ações esquemáticas, ou desempenhar iniciativas com um viés político-social, ao rock sempre coube uma postura no mínimo provocativa. “O rock é um movimento musical que incorpora anseios de felicidade, justiça,

ação política, trabalho, preguiça, prazer e outros, podendo possuir implicância com os sentimentos e ações das pessoas” (SCHMIDT, 2004, p.14).

Na sua gênese nos anos 50, fazia uso da influência do *blues* dos negros, bem como da também marginalizada *country music*. Nos Estados Unidos pós-guerra, marcado pelo conservadorismo anticomunista, a rigidez social e o comportamento conformista (WICKE, 1999), nada mais ousado que a assimilação de um ritmo cujas raízes estavam em campos desprezados. “O sopro de vida do rock dissipando o marasmo dos anos dourados é considerado um ingrediente importante para a luta pelos direitos civis no segregado sul americano. Por ser uma música originalmente negra, o rock causava furor na classe separatista.” (ROCHA, 2009)

Foi a partir dele que o mundo passou a assistir a profundas mudanças emergidas dos sujeitos sociais juvenis que o aderiram e, daquele momento em diante, passariam a não aceitar mais viver à sombra de seus pais ou de modelos sociais pré-estabelecidos, como costumava ser até então (RAMOS, 2010, p.3).

Porém, da mesma forma, é apreendido pela cultura do consumo e potencialmente domesticado. “A rebeldia e a insatisfação com o mundo e com os padrões estabelecidos, os quais o rock tenta transgredir, já estão incorporadas à própria indústria cultural” (Amaral, 2002, p.8). A revolta é um filão lucrativo, cerceada a cada nova investida e tornada produto de exportação. “Certamente, o Elvis dos jovens que cultuam a imagem do roqueiro rebelde e inovador não é o mesmo festejado nos cassinos de Las Vegas, cantando antigas baladas” (JANOTTI JR, 2003, p.37)

Na década seguinte, a cultura jovem do rock “se tornou a matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma revolução nos modos e costumes, nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais, que formavam cada vez mais a atmosfera respirada por homens e mulheres urbanos.” (HOBSBAWN, 1995, p.323)

Com os sangrentos anos do Vietnã e conflitos civis pelo país, as ilusões da vida perfeita americana são questionadas através do movimento feminista e da liberação sexual dos hippies. Entre estes, temos a primazia no uso do excesso de cores pelo *flower power*. Mas, uma possível comparação aos “coloridos” atuais acaba aí. A contracultura dos *hippies* é uma ação naturalmente contestadora, na tentativa de revolucionar através da instituição da paz e do amor. Novas formas de consciência são buscadas nas drogas e em distintas espiritualidades que tencionavam extrapolar o caráter conservador que imperava. “Dotado

de uma estranha vibração, o rock arrepiava os poros. Um som que expressava modos de ser e de se vestir e que excitava todo o corpo, com a dança e experiências sensoriais em novos níveis” (CARMO, 2000, p. 58)

Na Europa, o rock é fundamental para entender parte das motivações do “abaixo tudo” de Maio de 68. No Brasil, é hibridizado nas práticas do Tropicalismo durante a ditadura militar, seja no formato psicodélico dos *Mutantes*, ou nas experimentações do ritmo em Caetano e Gil. Nos EUA, o festival Woodstock anuncia-se como “uma Exposição Aquariana: 3 Dias de Paz & Música”. Em agosto de 1969, reúne mais de 500 mil jovens em uma fazenda e ânsia por um mundo novo ancorado em seus ideais.

Porém, nos 70, o desbunde. O projeto “paz e amor” fracassa, a revolução não chega e o rock segue o seu caminho, cada vez mais massificado, mas ainda inovador. Ganha peso com *Led Zeppelin*, *Deep Purple* e *Black Sabbath*, passeando pelo hedonismo, imoralismo e o obscurantismo. O progressivo de grupos como *Pink Floyd* e *Rush* empreende um projeto de intelectualização e virtuosidade do gênero, atrelado à complexidade de conceitos filosóficos e da literatura. O *glam rock* de *Roxy Music* e *David Bowie* confunde com sua sexualidade andrógina. O *punk* encerra a sua década pregando a revolta total, a anarquia, um rock mais simples na ideologia “do it yourself” do punk. “Ao contrário dos movimentos anteriores, o punk não envolvia apenas uma diferenciação entre ‘nós/ele’ ao redor da ideia de juventude e, sim, diferenciações no interior do próprio rock” (JANOTTI JR, 2003, p.50).

Os anos 80 surgem coloridos e ecléticos. “A regra foi a de ser um pouco de tudo. Pular de tribo em tribo em um ecletismo jamais imaginado anteriormente” (AMARAL, 2002, p.41). Boa parte do que compõe as matizes dos *Happy Rock* encontra referência na época. Porém, a vertente mais bem humorada até então do rock, o *New Wave*, conserva a sua ligação com a origem punk ao destilar críticas irônicas.

No Brasil, o gênero se consolida no processo de redemocratização com uma postura calcada na crítica político-social, como referências às sonoridades estrangeiras da época e alcançando o sucesso comercial, capitaneado por bandas como *Legião Urbana* e *Paralamas de Sucesso*. “As bandas brasilienses praticavam um rock mais agressivo tanto nas letras como nas harmonias e melodias” (JANOTTI JR, 2003, p.86).

Na década do excesso, o rock internacional também comete os seus, na mesma medida em que perde sua veia politizada.

Despida de sua veia de protesto, a música tornava-se um desfile de perucas, popularizando temas que se tratavam de diversão, bebidas e

mulheres. O Kiss já ganhava milhões estampando seu logo em diversos objetos de *merchandising*: de camisetas a rolos de papel higiênico. Os músicos se travestiam, quebravam quartos de hotel, protagonizavam escândalos e apresentavam-se como fantoches da mídia: o estilo já estava desgastado e manipulado. Ser *rockstar* era a melhor profissão do mundo, a música não mais envolvia os debates políticos que tanto ajudou a disseminar (ROCHA, 2009).

A reação vem nos anos 90. O rock alternativo ganha o *mainstream*. O *grunge* de Seattle traz de volta a simplicidade visual e carrega em temáticas fortes, bem como observa a comercialização de uma juventude perdida no fim do século, como em um último suspiro da percepção romântica rock para o filão midiático. Daí pra frente, a indústria da música entra em crise (HERSCHMANN, 2010), os estilos se proliferam e se fragmentam em novas formas de circulação, que ainda não são distinguidas além de algumas suspeitas.

Por isso, hoje, tudo pode ser remetido ao rock, na medida em que este se tornou um filão da cultura moderna, e com o desaparecimento de seus aspectos subversivos após a morte de seus heróis ou na emergência de discursos mais piedosos (ecologistas, naturistas, espiritualistas, new age) adotados pelos remanescentes. (SARLO, 1997, p. 35)

Através desse percurso em ritmo frenético, observamos que a movimentação do rock faz tanto um trajeto de ordem interna, ligada a lógica intrínseca da música e sua indústria, quanto um ligado às transformações na cultura jovem que o sustenta. Nessa articulação entre juventude e música, a dupla influência é fonte para entender o contexto maior em que se insere. De maneira ainda superficial, é possível antever que a “atitude” no rock oscila entre os polos mais organizados de crítica político-social e as manifestações despolitizadas que, porém, ainda rejeitam os padrões de normalidade social.

Sendo assim, o entendimento do estágio de um capitalismo flexível (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009; HARVEY, 1994), no qual os imperativos da performance (EHRENBERG, 2010) e do bem estar (LIPOVETSKY, 2007) convivem paradoxalmente, permite compreender a suposta discrepância de modelos subjetivos anteriores.

É nesse ponto que a temática torna-se sintomática de como as manifestações culturais demonstram a aceitação ou rejeição dos enquadramentos normativos. Nos “felizes” seguidores do *Happy Rock*, a sintonia com o momento de felicidade e conformidade é a tônica de uma geração que partilha de um mesmo mundo virtual (FREIRE FILHO; LEMOS, 2008).

Situando a alegria

De maneira vulgar, o *Happy Rock* seria o rótulo dado à profusão de bandas brasileiras identificadas pelo visual repleto de cores extravagantes e pelas canções alegres, tendo como marco o ano de 2009. Tais elementos são os que diferenciam do *emocore*, tendência anteriormente em voga, na qual os jovens abusavam do preto, maquiagens pesadas e da temática melancólica. Musicalmente, ambas são calcadas numa sonoridade que remete ao segmento mais pop do *hardcore* americano, representado por bandas como *Blink 182*, *Green Day* e *Paramore*.

Inicialmente taxados simplesmente como “coloridos”, o termo definitivo foi proposto por um dos expoentes do “movimento”, a *Restart*, adiantando-se aos rótulos que com certeza lhes seriam dados⁴. A banda tem no seu primeiro disco homônimo a canção “Happy Rock Sunday”, que traz trechos como “o que eu quero é me divertir”, “e então tá tudo pronto pro amor, a paz e a curtidão”, “vem com a gente nessa vibe” e um “uoô uoooô uoô uoooô uoô uoooô” bem ao pop.

A *Restart* também nomeou de “Happy Rock Sunday” a série de shows realizados pela banda nos palcos do HSBC Brasil, em São Paulo, em 2009. Juntando a isso uma série de bandas semelhantes (aceitando ou não a alcunha) temos um “movimento” localizado principalmente na capital paulista, formado por garotos numa média de 19 a 23 anos, cantando para um público notadamente feminino, de adolescentes entre os 13 e 15 anos.

Interessante notar que, de certa forma, as bandas trilham o caminho do “independente”, até mesmo por um bom tempo, articulando a maior parte das ações através do contato por redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e *MySpace*. Porém, os objetivos nada têm a ver com uma proposta de mercado alternativo. Enquanto o desmantelamento das grandes gravadoras respinga nos programas de grande público, o sucesso massivo ainda é a medida. “A gente quer tocar no Faustão. Ser mesmo a maior banda do Brasil”⁵ diz Beto, da *Replace*.

Tidos como um dos precursores, a *Cine* conquistou lugar na finada MTV com o videoclipe de “Garota Radical”, em que descreve uma menina a qual “o simples torna ela demais/quinta o shopping, domingo os pais” e “quando ela sai, não importa pra onde

⁴ Disponível em: http://www.divirta-se.uai.com.br/html/sessao_19/2010/06/05/ficha_musica/id_sessao=19&id_noticia=24882/ficha_musica.shtml. Acesso em 10 mar. 2014

⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2010/04/pop-adolescente-ganha-cores-e-ofusca-baixo-astral-emo.html>. Acesso em 13 jul. 2014

vai/sempré com o cartão do pai, compra tudo e se distrai”. Em outras bandas a variação é a mesma: baladas, namoros e *shopping centers*. “A onda agora é pregar a ‘positividade’ e ‘chamar pra festa’ como explica DH, 23 anos, o vocalista da banda”⁶.

De maneira geral, a cobertura se concentra no visual das bandas. Os títulos apresentam pequenas variações: “Bandas do happy rock abandonam a melancolia dos emos”, “Bandas Cine e Restart mostram nova tendência do 'rock colorido'”, “Visual tristonho dos emos dá lugar a cores alegres entre adolescentes”, “Siga esse estilo: happy rock”, “Conheça o estilo Happy Rock da banda Restart” e “Pop adolescente ganha cores e ofusca baixo astral emo”.

O esquema é praticamente o mesmo: reação aos emos + descompromisso e alegria + cores fluorescentes. Isso sem abordar a imensa quantidade de capas, entrevistas, testes em revistas e sites destinados ao público jovem feminino, como *Capricho*, *Toda Teen* e *iGirl*.

Restart, Cine e Replace são as bandas do momento. Estão na MTV, nos Trending Topics do Twitter e recebem diariamente milhares de mensagens de fãs do Brasil inteiro que têm ataques histéricos muito parecidos com os das mocinhas que, nos anos 60, desmaiavam nos shows dos Beatles. Aliás, a herança dos rapazes de Liverpool não pára por aí. Essas bandas de rock usam a mesma tática para enlouquecer as garotas: além da música, um estilo que rompe com aquilo que era usado até então.⁷

Nas matérias que contêm espaço para comentários, é comum algumas meninas, devidamente assumindo o sobrenome de seus ídolos, agirem como se estivessem em contato com os próprios, semelhante ao que ocorre numa rede social. “Restart ! ée um siguintee ! vooxs são meeos TUDOO ! seem voxs ! não ouviriia naada ! dee musicaa ASHAUSH ! amoo vooxs ! ii não sabem oo qantoo !”⁸.

Essa geração Malhação – a novela teen é a principal porta de entrada dos grupos para a televisão – fala basicamente de amor, felicidade e amizade. Não há qualquer preocupação político-social, marca da geração paulistana de 1980, que surgiu no período pós-ditadura. A internet é o principal canal para divulgação dos grupos, que são campeões de acesso em comunidades virtuais como Orkut, MySpace, Facebook e Twitter.⁹

⁶ Idem

⁷ Disponível em: http://jovem.ig.com.br/igirl/noticia_visual/2010/03/30/siga+esse+estilo+happy+rock+9443398.html

⁸ Disponível em: <http://www.fashionbubbles.com/moda/conheca-o-estilo-happy-rock-da-banda-restart/> Acesso em 13 jul. 2014

⁹ Disponível em: http://www.divirta-se.uai.com.br/html/sessao_19/2010/06/05/ficha_musica/id_sessao=19&id_noticia=24882/ficha_musica.shtml. Acesso em 10 mar. 2014

Além do descompromisso político-social, chama atenção, ao mesmo tempo, a atribuição de um comportamento exemplar a esse novo rock. Só o título da matéria da revista *Veja*, “Alegria dos pais”¹⁰, é sintomático. “Depois da tristonha onda emo, o happy rock toma a cena brasileira com uma música ensolarada e sem compromisso. E, sobretudo, muito bem-comportada”. “Não é só a melancolia que foi proscrita: a ancestral rebeldia do rock também se foi. Os músicos de happy rock são o orgulho de papais e mamães”.

Em entrevista ao portal *Divirta-se*, Xande Bispo, baterista da *Hori*, ou como o imenso adesivo colocado aos CDs diz, “a banda do Fiuk da *Malhação*”, reforça.

A gente é livre para fazer a música que quiser. Alguém disse que rock tem que ser malvado, rebelde, ‘do capeta’. Particularmente, sou contra. Não quero arrumar briga com político, ser melhor do que os outros. O que fazemos nas músicas é incentivar a galera a correr atrás do que quer. Acredito no sonho de ter uma família e ser feliz¹¹.

Algo um tanto quanto estranho na expectativa de qualquer coisa que carrega o nome de *rock*.

“O novo rock está bonzinho?”

É esse o tema que o programa Debate MTV, mediado por Lobão¹². A discussão se dá na extinta emissora que teve seu crepúsculo justamente entre os fãs do *Happy Rock*¹³. A composição da mesa aparenta ser um cenário aberto à polêmica. Se por um lado temos integrantes das bandas *Replace* e *Cine*, devidamente coloridos, do outro temos o produtor musical e vocalista da banda de *death metal* gaúcha Krizium, além de jornalistas musicais.

Porém, o imperativo de boa vizinhança, comum ao mundo musical brasileiro mais recente, predomina. Quando uma pergunta parece provocar, logo vem o apaziguamento para não gerar um mal estar. “A gente não pode generalizar”.

Mesmo quando Lobão introduz a ideia de que muita gente na música é “virgem existencial”, “desprovida de complexidade”, a discussão não caminha para tanto. Mesmo

¹⁰ Revista *Veja*. Edição 2168 / 9 de junho de 2010

¹¹ Disponível em: [http://www.divirta-](http://www.divirta-se.uai.com.br/html/sessao_19/2010/06/05/ficha_musica/id_sessao=19&id_noticia=24882/ficha_musica.shtml)

[se.uai.com.br/html/sessao_19/2010/06/05/ficha_musica/id_sessao=19&id_noticia=24882/ficha_musica.shtml](http://www.divirta-se.uai.com.br/html/sessao_19/2010/06/05/ficha_musica/id_sessao=19&id_noticia=24882/ficha_musica.shtml)

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fQPQNDTa17U> Acesso em 10 mar. 2014

¹³ Em 2010, as aparições dos grupos eram constantes durante toda a grade da programação, sendo que na premiação anual realizada pelo canal, o VMB, a banda Restart recebeu cinco prêmios, inclusive o de Artista do Ano. Entretanto, além de acompanhada por gritos histéricos, subiu ao palco sob inúmeras vaias.

assim, encontramos o aporte necessário para entender alguns valores que compõe o que validaria o rock: autenticidade e atitude.

A preocupação com a autenticidade é constante, tomando esta como um bem em si mesmo. Como trata Lionel Trilling (1972), enquanto da sua significação na história, a autenticidade difere da sinceridade. Enquanto a última se daria no âmbito da vida social, nas relações com o outro, a autenticidade seria efetivada a partir do espaço interior, da intimidade, no desejo de se expressar.

Dessa forma, a música passa a valer enquanto for uma demanda autêntica deflagrada na constituição da própria identidade do artista e em sua reafirmação. Várias vezes são soltos imperativos nos quais as bandas têm que “acreditar no som”, “acreditar no que fazem”, “acreditar na música”.

Esse ato de crença remete a um processo contínuo de internalização, dependente de uma forte introspecção na busca daquilo que agrega sentido a uma prática. Como se uma verdade superior, que só diz respeito à própria pessoa, só fosse conhecida através dos seus sentimentos. Tal expressão autêntica dos sentimentos é uma herança da Filosofia da Natureza, em uma versão próxima à leitura romântica diagnosticada por Taylor (2005). A verdade está nos nossos sentimentos, que passam a ser um parâmetro para constituição de um horizonte identitário. A música é, então, acrescida de uma forte natureza emocional, que garantiria a sua legitimidade. Tanto é que no rock sempre ecoou o imperativo de fidelidade “ser você mesmo” (TAYLOR, 2009).

A atitude passa então a ser uma categoria derivada da autenticidade no rock. Também, graças a isso, ainda mais relativa, tratada nas pesquisas sobre música enquanto uma categoria subentendida. De qualquer forma, passa a ser uma ação que concretiza a autenticidade dentro do rock, uma extensão da expressão artística além da música, ligada muito ao aspecto performático nas artes. Exemplo notório e legitimado é o momento em que *Jimi Hendrix* atea fogo a sua guitarra no Monterey Pop Festival em 1967.

Devido à fluidez dos próprios valores que alicerçam o rock, o Debate MTV se torna extremamente lacônico em justificar a marginalização do *Happy Rock* além dos critérios de gosto. Mesmo assim, podemos aproveitar ainda mais das declarações feitas no programa para dar continuidade a nossa análise.

A justificativa para a felicidade exacerbada nas músicas e para a ausência de complexidade é uma resposta inusitada: “a galera vai se rebelar contra o que? Não tá

acontecendo um monte de coisa, como antes acontecia. Se tivesse a necessidade de protestar, a gente provavelmente faria”.

Tal perspectiva não é isolada no debate, mas referendada por todos os demais na mesa. Sendo assim, a exigência de atitude seria apenas a de ser autêntico consigo mesmo sobre a música que fazem? ou o rock já não dispõe de um grau maior de crítica?

Considerações finais

A partir desse tipo de resposta, percebemos um modelo subjetivo de juventude que corresponde positivamente aos imperativos sociais correntes. As representações veiculadas por grupos como os do *Happy Rock* operam como formas de regulação, através das relações instituídas nas práticas vinculadas ao consumo cultural.

Os novos hábitos de consumo e as novas práticas de sociabilidade e comunicação da juventude são descritos, freqüentemente, como modelos ideais de conduta, por indicarem uma flexibilização que garante a efetividade dos novos processos de capilarização da ordem econômica mundial (FREIRE FILHO; LEMOS, 2008, p.24).

Quando se questiona a possibilidade do atributo de feliz ao *rock*, coloca-se em pauta não uma busca da felicidade, que é expressa por diversas vezes sobre diferentes formas em sua história. Problematiza-se como algo que não percebe qualquer contradição além dos seus relacionamentos juvenis ainda é associado a uma produção ancorada em conceitos como autenticidade, atitude e rebeldia. Mesmo que se argumente, a exemplo, que a frivolidade temática apareça desde o princípio do rock, chegando ao ápice misógino dos *rockstars* dos anos 80, as bandas nunca apareceram tão apaziguadas, “boazinhas”, aceitas naturalmente pelos pais. Não que estejamos partindo de uma comparação valorativa entre ambas.

O *Happy* se encontra atrelado, de certa forma, a era da felicidade compulsiva e compulsória. “Convém aparentar-se bem-adaptado ao ambiente, irradiando confiança e entusiasmo, alardeando uma personalidade desembaraçada, extrovertida e dinâmica”. (FREIRE FILHO, 2010, p.17). Sobre isso, o pesquisador João Freire Filho ainda problematiza.

A felicidade – a despeito de todo ornamento poético e de todo o conhecimento científico que a recobrem de glórias – pode mobilizar

premissas e aspirações problemáticas, responsáveis tanto por amesquinamentos dos horizontes ético e político quanto por promover o embrutecimento de nossas opções existências (FREIRE FILHO, 2010, p. 23)

Indiferente à perspectiva de gosto cultural, uma juventude baseada na euforia contínua, em um ritmo tradicionalmente “revoltado”, soa então preocupante, já que, como creditam Boltanski e Chiapello (2009), são uma das fontes de indignação para quando a crítica parece estagnada. De qualquer forma, as culturas juvenis são fragmentadas o suficiente para superar tais problemáticas. “O rock é um mapa reconstruído constantemente, sujeitos às forças do mercado, dos vazios entre gerações, das diferentes vivências juvenis e das negociações entre a cultura mundializada e suas manifestações locais” (JANOTTI JR, 2003, p.2,3).

Referências

- AMARAL, A. R. *Rock e imaginário: as relações imagético-sonoras na atualidade*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 18, p. 34-43, 2002.
- BOLTANSKI, L. & CHIAPELLO, È. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CARMO, P. S. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: SENAC, 2000
- EHRENBERG, A. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida, SP: Idéias& Letras, 2010.
- FREIRE FILHO, J. (org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- FREIRE FILHO, J.; LEMOS, J. Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a "Geração Digital" na mídia impressa brasileira. *Comunicação, Mídia e Consumo* (São Paulo), v. 5, p. 11-26, 2008.
- GROSSBERG, L. *Dancing in Spite of Myself: essays on popular culture*. Durham/London, 1997.
- HERSCHMANN, M. A indústria da música como laboratório. *Revista Observatório Itaú Cultural*, v. 1, p. 21-30, 2010.
- HOBSBAWM, E. *A era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.
- JANOTTI JR., J. *Aumenta que isso aí é rock'n'roll: mídia, gênero musical e identidade*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003.
- LIPOVETSKY, G. *A felicidade Paradoxal*. Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. Lisboa: Edições 70, 2007
- RAMOS, E. B. Anos 60 e 70: Brasil, Juventude e Rock. *Revista Ágora*, Vitória, n.10, 2009, p.1-20.

ROCHA, A. ROCK’N’ROLL, INC. De Woodstock à MTV: o esvaziamento de um gênero que ajudou a mudar o mundo. 2009. Disponível em: <http://www.hothead.com.br/?p=495>. Acesso em 10 jul. 2014

SARLO, B. *Cenas da Vida Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997

SCHMIDT, R. Nas trilhas do rock. *Espaço Plural*. Ano V, n. 11. 1º semestre/2004

TAYLOR, C. *A ética da autenticidade*. Lisboa: Edições 70, 2009.

_____. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola, 2005.

TRILLING, L. *Sincerity and authenticity*. Londres: Oxford University Press, 1972.

WICKE, P. 1999. *Rock Music: culture, aesthetics and sociology*. New York: Cambridge University Press.